

# UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O PERSONAGEM NEGRO E A CRÍTICA AO RACISMO NA PEÇA *LA PUTAIN RESPECTUEUSE*, DE JEAN-PAUL SARTRE

## A BRIEF REFLECTION ON THE BLACK CHARACTER AND CRITICISM TO RACISM IN JEAN-PAUL SARTRE'S PLAY: *THE RESPECTFUL PROSTITUTE*

Fernanda Vieira Fernandes<sup>1</sup>

**RESUMO:** *A literatura dramática de Jean-Paul Sartre é muitas vezes caracterizada como teatro engajado, pois o dramaturgo acreditava que deveria posicionar-se e emprestar seu nome a certas causas. Este artigo dedica-se à peça La Putain respectueuse, na qual ele expõe o racismo nos Estados Unidos na década de 1940. Após apresentar algumas informações introdutórias sobre o autor e gerais sobre o texto teatral, tais como a gênese, a recepção, o enredo, a estrutura e os personagens, este trabalho debruçar-se-á sobre a construção do personagem negro e o contexto em que o mesmo está inserido, enfatizando o olhar dos personagens brancos para ele e a sua impossibilidade de reação frente a isso. Por fim, à guisa de conclusão, serão lançadas algumas reflexões sobre a situação-limite de segregação racial que a peça apresenta e o que a impotência do sujeito oprimido revela sobre as intenções do autor.*

**Palavras-chave:** Sartre (Jean-Paul); La Putain respectueuse; teatro engajado; personagem negro.

**Abstract:** *Jean-Paul Sartre's dramatic literature is often characterized as committed theatre, since the playwright believed that he should position himself and lend his name to certain causes. This paper presents an analysis of the play titled The Respectful Prostitute, in which he addresses racism in the United States in the 1940s. After an overview of the author and general information about the play, such as creation, reception, plot, structure, and characters, this study will focus on the construction of the black character and the context in which he is inserted, emphasizing the perspective of the white characters towards him and his inability to react to it. Finally, the conclusion will present some considerations to reflect about the limit situation of racial segregation presented in the play and what the powerlessness of the oppressed character shows about the author's intentions.*

**Keywords:** Sartre (Jean-Paul); The Respectful Prostitute; engaged theatre; black character.

### ***Introdução: o teatro engajado de Jean-Paul Sartre***

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutora em Estudos de Literatura - PPG Letras UFRGS. Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas - UFPel Centro de Artes.

A obra escrita de Jean-Paul Sartre (1905-1980) é composta por trabalhos filosóficos, romances, novelas, roteiros para cinema, peças teatrais, ensaios e artigos para jornais e revistas. Um dos principais nomes da literatura e da filosofia do século XX, ele defendia que qualquer escritor deveria valer-se de seu ofício para colocar-se a serviço de sua consciência política, engajar-se na missão de conscientizar, mostrando ao homem o mundo que o cerca e negando a ele o direito de se dizer inocente frente ao que vê. A escrita deveria servir para o sujeito que a exercesse como modo de manifestação de sua presença e/ou existência, intervindo conscientemente, ou seja, engajando-se.

No teatro, sua postura seguiu a mesma linha, com temáticas que dialogavam com os acontecimentos históricos que o cercavam, recebendo por conta disso diversas denominações (algumas de cunho pejorativo), dentre elas: teatro ideológico, teatro filosófico, teatro de tese e teatro engajado – esta última criada pelo próprio Sartre.

Foi através do diretor Charles Dullin, que ele iniciou seu contato efetivo com as artes cênicas, quando, em 1941, o mesmo confiou a Sartre um curso sobre teatro antigo em sua escola dramática. O encenador acabou também levando ao palco sua primeira peça, *Les Mouches* (1943). Posteriormente, o dramaturgo escreveu mais nove obras teatrais, sendo duas delas adaptações (de Alexandre Dumas pai e de Eurípides).

Este artigo propõe uma breve reflexão sobre um dos olhares que Sartre lançou para um problema de sua época através de sua escrita dramática, na peça *La Putain respectueuse* (1946): a questão do racismo nos Estados Unidos na década de 1940. O enfoque central aqui recairá sobre a forma como o escritor construiu o personagem negro no enredo e a situação-limite de segregação racial em que o mesmo se encontra, frente às atitudes e olhares dos personagens brancos, que lhe impossibilitam uma ação efetiva de revolta e/ou mudança.

O artigo dialoga diretamente com a tese de doutorado defendida em 2014 no Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS, intitulada *O personagem negro na literatura dramática francesa do século XX: La Putain respectueuse, de Jean-Paul Sartre, e Combat de nègre et de chiens, de Bernard-Marie Koltès*, que apresentou um estudo detalhado sobre o personagem negro na dramaturgia francesa, tendo como principais focos de pesquisa as mencionadas peças, de Sartre e Koltès. A parte II da referida publicação é inteiramente dedicada à *La Putain respectueuse*.<sup>2</sup>

Primeiramente, serão fornecidas informações sobre a origem da escrita do texto, que revelam de onde partiu a inspiração do autor, e sua polêmica recepção. Na

---

<sup>2</sup> Para acesso ao estudo completo, ver a indicação da mencionada tese nas Referências, ao final deste artigo.

sequência, para colaborar à compreensão geral da peça, virão alguns elementos de análise dramatológica, tais como o enredo, estrutura da obra e panorama geral de personagens. Logo após, o artigo concentra-se mais especificamente no personagem negro, abordando as escolhas que Sartre fez para representá-lo e o contexto racista em que o inseriu, sendo definido apenas pela cor de sua pele e percebendo-se incapaz de reagir a isso. Por fim, lançar-se-ão algumas reflexões sobre a presença desse sujeito em uma situação-limite na qual precisa posicionar-se e fazer escolhas, traço comum à dramaturgia de Jean-Paul Sartre, mas que nesta peça, especificamente, demonstra outras intenções do escritor.

### ***O contato de Sartre com o racismo estadunidense: a gênese e a recepção da peça***

*La Putain respectueuse* foi escrita em oito dias, no ano de 1946, como complemento de *Morts sans sépulture*, que Sartre havia criado um tempo antes e que naquele momento seria levada ao palco do théâtre Antoine. A solicitação para a escrita da peça veio de Simone Berriau, diretora do espaço onde se daria a estreia, que pediu a Sartre que escrevesse um pequeno texto que acompanhasse *Morts sans sépulture*, esta última muito curta, no entender dela, para estar sozinha em cartaz.

Simone de Beauvoir, companheira de Sartre desde a década de 1920, destaca que a inspiração para o enredo nasceu de uma história verídica relatada por Vladimir Pozner, em *Les États désunis* (BEAUVOIR, 1992, p. 159). Michel Contat e Michel Rybalka apresentam maiores informações sobre o fato real: em 1931, no Alabama, nove negros foram acusados de estupro de duas prostitutas e condenados à cadeira elétrica. O caso ganhou repercussão internacional por conta dos depoimentos das mulheres que, cedendo a diferentes pressões, mudaram várias vezes seu testemunho (CONTAT; RYBALKA, 1970, p. 136).

Sartre presenciou a questão racial dos Estados Unidos da época, numa imersão na cultura estadunidense, pois esteve lá de janeiro a maio de 1945 e de dezembro de 1945 a março de 1946. Foi após esta segunda viagem que ele escreveu a peça.

No final de novembro de 1944, o país norte-americano convidou jornalistas franceses para, no pós-guerra, relatar através de artigos em seus respectivos impressos o esforço bélico americano. Albert Camus ofereceu a Sartre a possibilidade de participar dessa missão representando o jornal *Combat*. Nos Estados Unidos, o futuro autor de *La Putain respectueuse* participou de uma série de atividades e eventos que o levaram a

diferentes partes do país, onde pôde ver de perto situações de racismo e segregação, especialmente no Texas e Novo México.<sup>3</sup>

Mais diretamente, a impressão dele sobre a situação racial norte-americana, ligada ao enredo da peça teatral em estudo, é transcrita por Annie Cohen-Solal, traduzida de um artigo original, publicado em 16 de junho de 1945, no *Le Figaro littéraire*, com o título “Retour des États-Unis: ce que j’ai appris du problème noir”:

Neste país, que se ufana, com toda a justiça, de suas instituições democráticas, em cada dez habitantes há um que está privado dos direitos políticos: nesta terra de igualdade e liberdade vivem treze milhões de proscritos... Servem às mesas, carregam nossas malas até o quarto ou o trem, mas não têm nada a ver conosco, nem nós com eles [...]. Chamam-se a si mesmos de ‘cidadãos de terceira classe’. São os Negros [...]. Sessenta e quatro por cento do total da população negra nos Estados Unidos estão empregados em trabalhos agrícolas ou domésticos... Em toda parte, no Sul, pratica-se a ‘segregação’: não há nenhum lugar público onde se possam ver brancos misturados com pretos [...]. São párias da sociedade, completamente privados de exercer seus direitos políticos. (SARTRE, 1945, apud COHEN-SOLAL, 2008, p. 286)

Servir-se de temática tão próxima e polêmica teve consequências. O tema de *La Putain respectueuse* causou repúdio por parte de estadunidenses e de pró-americanos, com acusação ao possível antiamericanismo do dramaturgo. Em resposta a uma das acusações, publicada por um leitor no *New York Herald Tribune*, em 1946, Sartre escreveu:

Je ne suis pas du tout antiaméricain et je ne comprends pas ce que ‘antiaméricain’ veut dire. [...] Il est vrai que, si je n’avais montré que les aspects contestables de votre civilisation, on aurait pu dire que je suis contre elle. Mais ce n’est pas le cas [...]. Le devoir d’un écrivain et sa mission spéciale envers le public est de dénoncer l’injustice partout où elle se trouve, et ceci d’autant plus lorsqu’il aime le pays qui laisse commettre cette injustice. (SARTRE, 1946, apud CONTAT; RYBALKA, 1970, p. 137)

Estadunidenses brancos e negros defenderam a peça. Richard Wright, escritor negro e amigo de Jean-Paul Sartre, inclusive, fez a introdução à tradução do texto para a língua inglesa. Na ocasião desta publicação em 1948, Sartre mais uma vez rebateu a acusação de antiamericanismo em um breve prefácio, retomando a argumentação da

---

<sup>3</sup> Para maiores informações sobre a referida viagem de Jean-Paul Sartre aos Estados Unidos, ver: COHEN-SOLAL, Annie. De Buffalo Bill a presidente Roosevelt: primeira viagem à América. In: \_\_\_\_\_. *Sartre: uma biografia*. Tradução de Milton Persson. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2008. pp. 266-289.

carta enviada ao *New York Herald Tribune* e acrescentando, dentre outras coisas, que se considerava antirracista, pois isso sim ele sabia o que significava.<sup>4</sup>

### **O enredo e a estrutura de *La Putain respectueuse***

A peça, de ato único, é composta por dois quadros (separados temporalmente por um período de doze horas indicado na rubrica), sendo o primeiro deles formado por quatro cenas e o segundo, por cinco.<sup>5</sup>

No enredo, a história da prostituta Lizzie Mac Kay, recém-chegada de Nova Iorque a uma cidade do Sul dos Estados Unidos não especificada pelo dramaturgo, que se vê envolvida em um suposto crime de estupro por parte de um homem negro. Os fatos que geram o conflito são anteriores ao começo da peça, porém, são relatados ao leitor/espectador: durante a viagem de trem para a cidade sulista, a mulher é assediada por dois homens brancos, que também tentam empurrar dois negros que estavam ali. No embate, um dos brancos é agredido com um soco e atira em um dos negros, matando-o. O outro negro foge.

A posição de Lizzie passa a ser de testemunha, sendo de interesse do negro que a mesma confesse a verdade e tente eximi-lo de punição, e, dos brancos, que a prostituta minta e cometa perjúrio, alegando que os negros é que teriam tentado estuprá-la e que os brancos foram socorrê-la, acabando por atirar e matar um dos agressores.

Na abertura da peça, dois dias já se passaram desde o episódio relatado acima: em cena, Lizzie passa aspirador em seu apartamento, local onde se desenvolve a história, quando a campainha toca. Nesse instante, ela recebe a visita do negro que conseguiu escapar do trem, pedindo-lhe proteção. Após a partida deste, Fred (primo do branco que estivera envolvido no embate) sai de seu esconderijo no banheiro.

Fred procurou a mulher na madrugada anterior para tentar se aproximar e convencê-la a testemunhar a favor de seu familiar. Posteriormente, a polícia tenta fazer com que ela assine um termo incriminando o negro. Ambas as tentativas fracassam. Apenas quando entra em cena o senador Clarke, pai de Fred, é que Lizzie assina o documento, devido à lábria do político. Contudo, ela não fica plenamente convencida de

---

<sup>4</sup> O prefácio completo pode ser lido em: SARTRE, Jean-Paul *Un Théâtre de situations*. Nouvelle éd. Paris: Gallimard, coll. "Folio/essais", 2005. pp. 287-289.

<sup>5</sup> A edição de referência é: SARTRE, Jean-Paul. *La P... respectueuse*. In: \_\_\_\_\_. *La P... respectueuse suivi de Morts sans sépulture*. Paris: Gallimard, coll. "Folio", 2007. pp. 7-82. Salvo indicação contrária, as citações de *La Putain respectueuse* neste artigo são todas extraídas desta edição, sendo a referência da página indicada diretamente no texto, entre parênteses.

que tomou a decisão correta. O negro novamente a procura, buscando asilo. Lizzie o esconde em seu apartamento, mas este é descoberto por Fred e foge. Na última cena, são escutados dois tiros que, segundo o personagem branco, não chegaram a acertar o negro, porém não é descartada a hipótese de que este tenha sido assassinado. O final possui, portanto, esta dupla possibilidade de interpretação do leitor/espectador.

### ***O sistema de personagens***

A fim de tornar clara a estrutura de personagens que Sartre constrói para denunciar o racismo e evidenciar a presença do negro naquele contexto sulista dos Estados Unidos da década de 1940, é importante apresentar brevemente um panorama sobre as principais figuras que são colocadas em cena pelo autor.

Segundo a lista de personagens fornecida no início da obra, o texto conta com um total de oito personagens, descontando-se a indicação “plusieurs hommes”. Destes oito, quatro possuem maior destaque e a outra metade tem papel secundário ou figurante. Os principais são: Lizzie, Fred, senador Clarke e o negro. Já atuando como secundários, estão: os policiais John e James, 1º e 2º homem (presentes na cena III do quadro II, cuja rubrica inicial aponta também a presença de um terceiro homem).

Lizzie é uma jovem mulher branca oriunda do Norte do país, solitária, oprimida socialmente por ser prostituta, frágil, manipulável e incapaz de insurgir-se contra os que a sufocam. Resignada, sua atitude respeitosa para com os homens brancos, em especial, não dá esperança de modificação do *statu quo*. Ou seja, uma representante da classe norte-americana menos favorecida e marginalizada.

Fred, jovem branco, com um futuro a seguir pelo mesmo caminho do pai senador, não detém, todavia, as mesmas habilidades deste, já que fracassa em suas negociações com Lizzie. Ele é um representante da continuidade da dominação branca sulista. Demonstra sentimentos ambíguos pela prostituta, oscilando entre a repulsa e o encantamento. Mostra-se um puritano desejoso por vivenciar, às escondidas, momentos que são contrários aos ideais de sua família e tradição.

Perspicaz, o senador Clarke, é o único capaz de virar o jogo em favor dos seus – os brancos –, é aquele que consegue, somente através do discurso, reverter a situação, sem se valer de forças físicas ou ameaças para influenciar Lizzie a mentir sobre o suposto caso de estupro. A lábria pode ser vista como um traço geral dos políticos, e,

desta maneira, Clarke representaria a capacidade dos que detêm poder e prestígio em convencer o segmento que acredita representar de que suas ideias são as mais corretas.

O negro, por fim, tem como objetivos centrais buscar o apoio da mulher e escapar das ameaças infundadas de seus algozes. Sem opção frente à situação, como será detalhado posteriormente, é conformado e respeitoso com o sistema que o coloca como caça. A rubrica indica que possui cabelos brancos, e o mesmo se diz chefe de família. Seu comportamento expressa o medo e a fuga constante. É, portanto, um perseguido naquela sociedade. Na sequência, serão apresentadas mais informações sobre ele, evidenciando as escolhas que o dramaturgo fez para a sua representação dramático-literária.

### ***A construção e representação do personagem negro na peça***

O negro é o único dentre os personagens principais que não possui nome próprio. O escritor o define a partir da cor de sua pele e os demais personagens sempre o designam por esta característica. Com isso, Sartre demonstra que aos brancos opressores pouco importa quem é exatamente esse homem, qual o seu nome, sua origem ou seu destino. O que lhes interessa é que ele é negro, como se sua cor determinasse todos os demais traços do seu caráter. Ter um nome, neste caso, é ter uma identidade, uma posição social. Lizzie, mesmo rebaixada, ainda tem um nome. Representante da escala mais baixa na sociedade do Sul dos Estados Unidos naquele período, ao negro não é dado nem mesmo o direito de carregar uma identidade, ele é apenas mais um.

A população negra na cidade sulista que ambienta *La Putain respectueuse* representa uma maioria, conforme comenta Fred: “[...] Dix-sept mille blancs, vingt mille noirs [...]” (p. 38). Todavia, o espaço ocupado pelos negros na peça de Jean-Paul Sartre é aquele dos oprimidos, com representação da parte pelo todo: com a inserção de um negro, solitário e sem pares na sua jornada, Sartre dá visibilidade a toda uma população que ele presenciou ser discriminada.

Sylvie Chalaye aponta que Sartre foi um dos primeiros a colocar em cena na dramaturgia francesa um verdadeiro personagem negro, não marcado pelas imagens caricatas que dominavam a caracterização desse na história do teatro. Porém, a pesquisadora observa que ele não fez desse homem um personagem de relevância (CHALAYE, 1998, p. 375). O *Dictionnaire Sartre* também corrobora a crítica a maneira através da qual Sartre coloca o problema do negro: “[...] la pièce ne pose pas la

‘question noire’, mais propose une galerie de portraits de Blancs confrontés à l’altérité raciale. Le seul Noir de la pièce est un personnage de peu de relief dramatique et psychologique” (NOUDELMANN; PHILIPPE, 2004, p. 403).

Talvez seja exagero dizer que a peça não trata da questão do negro, pois este parece ser o grande mote do enredo. Entretanto, o olhar de Lizzie e dos brancos para ele é mais importante do que a forma como ele mesmo se vê ou age. O negro tem curtas passagens na peça, porque dele mais se ouve falar. Ele passa a maior parte do tempo fugindo, correndo, ou então clamando pela ajuda de Lizzie. De fato, a fuga é sua única reação contra a opressão – atitude mínima de não-aceitação. Ele não opta pelo enfrentamento: se não se submete, também não age com violência, não discute, não tenta posicionar-se frente aos demais homens.

O negro demonstra ter plena lucidez a respeito da sociedade em que está inserido, observando com clareza as táticas utilizadas pelos brancos para convencer Lizzie a denunciá-lo. O personagem tem consciência de que sua voz é inexistente naquele espaço e que quaisquer que sejam suas alegações, seus motivos jamais lograrão êxito em eximi-lo de culpa.

### ***O personagem negro a partir do olhar dos brancos***

Um traço importante a se considerar na peça é que a maioria das informações e impressões sobre o personagem negro parte do que os demais, brancos, comentam sobre ele, ainda que não o conheçam.

A maneira como Fred e Clarke o veem traduz a imagem que os brancos do Sul do país, em geral, construíam acerca da população negra. O primeiro o classifica como “Diable” (p. 33), entre outras observações racistas que ele emite: “Ça porte toujours malheur de voir des nègres. Les nègres, c’est le Diable” (p. 21), “Si on était coupable chaque fois qu’on tue un nègre...” (p. 36) e “Un nègre a toujours fait quelque chose” (p. 39). O senador Clarke, por seu turno, menospreza a origem dos negros, ridiculariza seus hábitos, vale-se de estereótipos para definir suas características e zomba de suas vestimentas. A morte do negro não teria nenhuma importância para a sociedade, no seu entender.

No negro, para eles, habita o mal, independentemente do que fizer. Ele é *a priori*, por sua cor, o gerador de problemas e conflitos. O direito e a justiça não lhe cabem, pois ele não é nem mesmo igualado aos demais seres humanos. O dramaturgo

explicita a violência verbal para com os negros e, também, a física, através da menção a práticas como perseguir, espancar, atear fogo e/ou matar com arma de fogo, o que se pode remeter às ações realizadas por movimentos tais como a Ku Klux Klan.

Lizzie também tem sua aversão aos negros, porém, jamais deseja que estes sejam injustiçados ou agredidos por conta da cor de sua pele. A prostituta traz a marca do olhar da população oriunda do Norte do país, bastante diferente da sulista, que se manteve por mais tempo escravagista e, posteriormente à escravidão, seguiu preconceituosa e segregacionista.

*La Putain respectueuse* reflete a descrição que Sartre faz sobre a situação dos negros nos Estados Unidos no artigo mencionado anteriormente, “Retour des États-Unis: ce que j’ai appris du problème noir” (1945), estabelecendo as diferenças do racismo no Sul e no Norte da nação americana. A violência racial no Norte não era inexistente, mas muito mais velada. Na peça, a ideologia dos Clarke, herdeiros dos escravagistas do Sul, é construída a partir de um senso de justiça e de classificação entre o bem e o mal que separa os indivíduos brancos dos negros. Conforme Alfredo Gomez-Muller:

Le respect de l’autre que prescrit la loi morale ou la loi de l’État ne vaut que pour les Blancs: tuer un Blanc est un crime, mais on n’est pas coupable de tuer un Noir. Les Clarke rejettent l’universalité pour défendre les privilèges qu’ils se reconnaissent en tant que Blancs, c’est-à-dire en tant que particularité qui s’affirme supérieure à toutes les autres particularités. La seule universalité qu’ils peuvent reconnaître est une universalité blanche. (GOMEZ-MULLER, 2004, p. 189)

Ou seja, os direitos humanos existentes são os direitos do homem branco, assim como a nação americana que Clarke diz representar é de tez branca. A moral e a lei dos sulistas encontram-se na compreensão do ser humano como branco. Se o negro não é detentor de direitos e nem mesmo é visto como ser humano deixa de ser crime assassiná-lo.

Já Lizzie tem outro olhar, que Gomez-Muller classifica como de uma universalidade abstrata oriunda do Norte. Ela não acredita que o filho do senador tenha o direito de matar um negro e não deseja o linchamento ou a injustiça daquele que está sendo perseguido. Todavia, guarda suas restrições para com ele, pedindo que não a toque, e algumas vezes expressando verbalmente seu racismo: “Dans l’abstrait, elle n’a pas d’*a priori* raciste; dans le concret, elle écarte d’emblée la possibilité d’une relation positive avec un Noir [...]” (GOMEZ-MULLER, 2004, p. 190).

Existe um único momento em que ela se deixa tocar moralmente pela situação, escondendo o fugitivo e oferecendo-lhe uma arma: quando percebe que está sendo enganada pelo falso discurso proferido por Clarke. Entretanto, por conta de sua fraqueza, ela não sustenta por muito tempo esta postura, deixando-se levar novamente pelos dominadores.

### ***A inércia e a impossibilidade de escolha do personagem negro***

Atitudes como a de Lizzie e a do negro, que impossibilitam mudanças no quadro de racismo, levaram à crítica negativa da obra pela ausência de esperança de Sartre. O escritor defendeu-se alegando que a sua peça demonstrava a impossibilidade que ele percebia, naquela época, em resolver o problema racial nos Estados Unidos.

Havia um propósito crítico na opção de J.-P. Sartre por construir personagens como a prostituta e o negro, que respeitam justamente o sistema social que ele está denunciando, sem margem para reação. Como exposto na introdução deste artigo, o engajamento sartriano propunha um posicionamento do escritor frente ao mundo, e isso se dava primeiramente pela escolha dos temas abordados. Refletindo sobre o problema dos negros no país norte-americano e levando isso para a cena, Sartre se engajou na denúncia. O final pessimista não abria margem para a falsa esperança. Ele lançava um olhar para aquela realidade e, a partir deste, explicitava uma vontade de mudança, sem falsas promessas ou construção de universos fictícios imaginários.

Os personagens oprimidos na peça não se enxergam a partir do próprio olhar, mas, através das impressões que os outros têm deles: “Déchirés, intoxiqués et pourris par un regard qui n’est pas le leur, ils sont devenus *pour eux-mêmes* ces êtres méprisables à quoi prétend les réduire le mépris du raciste ou du pharisien” (JEANSON, 1977, p. 32). Os dominadores os convencem, portanto, de sua inferioridade e incapacidade de discernir o correto, o justo – e isso não somente na obra, pois já carregam esta bagagem consigo anteriormente, num processo histórico de exclusão e dominação.

O espaço que o personagem negro ocupa é aquele que lhe era tradicionalmente dado ocupar nos Estados Unidos. Ele não busca revoltar-se contra isso. O autor não dá ao personagem outras escolhas. Ainda que aparentemente ele pudesse ter a liberdade de agir de maneira diferente para virar o jogo, não o faz e não só por livre arbítrio, mas pelas condições que lhe são impostas no enredo sartriano. Se o negro reagisse à

opressão dos brancos sulistas, assassinando Fred, por exemplo, e encerrando a trama com uma grande fuga, a peça perderia parte de sua força.

A liberdade de escolha frente a uma dada situação permeia o teatro de Sartre. Contudo, em *La Putain respectueuse*, o objetivo do escritor parece tê-lo levado a estabelecer uma situação diferente, em que alguns personagens não estão aptos a escolhas. O escritor percebeu ao longo de sua trajetória, mais especificamente após a Segunda Guerra mundial, que nem sempre o sujeito é capaz de ser livre em suas escolhas: o seu nascimento e sua primeira infância não podem ser decididos, por exemplo. O negro não tem opção de não ser negro, não é uma escolha dele ser negro na sociedade do Sul dos Estados Unidos extremamente racista.

À guisa de conclusão, é justamente sobre a questão do personagem negro frente ao teatro de situações proposto por Sartre que versará a última parte deste artigo.

### ***O personagem negro e o teatro de situações de Jean-Paul Sartre***

As ideias de Sartre acerca do teatro foram reunidas no livro intitulado *Un Théâtre de situations*. No primeiro artigo da publicação, “Pour un théâtre de situations”, o próprio dramaturgo justifica a importância das situações em suas peças: “[...] l’aliment central d’une pièce, ce n’est pas le caractère qu’on exprime avec de savants ‘mots de théâtre’ et qui n’est rien d’autre que l’ensemble de nos serments [...], c’est la situation” (SARTRE, 2005, pp. 19-20). O autor destaca também a liberdade de escolha dos seres humanos frente a situações-limite, pois, para ele, o teatro deveria mostrar isso: os homens em momentos extremos, dos quais não conseguem fugir, cabendo-lhes optar por um caminho. Toda a ação dramática resultará das tentativas e escolhas tomadas para chegar a uma solução para um problema moral: “[...] et je n’avais qu’une réponse à faire: vous êtes libre, choisissez, c’est-à-dire, inventez. Aucune morale générale ne peut vous indiquer ce qu’il y a à faire [...]” (SARTRE, 2012, p. 46).

Francis Jeanson sublinha que “ce théâtre de situations est donc, corrélativement un *théâtre de la liberté*” (JEANSON, 1977, p. 8, grifo do autor). Albérès, por sua vez, destaca os limites que a ação livre dos personagens tem, já que eles estão presos a algo externo a eles e sobre o que lhes cabe decidir:

Il est libre, *mais libre par rapport à une question qui se pose en dehors de lui*. C’est cette question que M. Sartre appelle philosophiquement la “situation”: nous pouvons toujours faire ce que nous voulons, mais *non pas*

*dans l'absolu: seulement par rapport à une question que nous ne pouvons éluder.*" (ALBÉRÈS, 1953, p. 110, grifos do autor)

A partir disso, não se pode dizer que o negro é plenamente livre para decidir se agirá de maneira violenta contra os seus agressores: a inserção social do personagem lhe restringe as condições de escolha.

Ainda conforme Albérès, o primeiro passo para conquistar a liberdade é a aceitação da hereditariedade, da classe social, da nação em que está inserido, entre outros aspectos determinantes. Para o estudioso, todos estes fatores constituem a situação que Sartre desejava expor, sendo somente dentro dela e em relação a ela que o sujeito é livre: "Il nous faut donc, avant d'être réellement libres, reconnaître notre 'situation': et c'est alors par rapport à elle que nous aurons liberté de la transformer ou non, de l'accepter ou non [...]" (ALBÉRÈS, 1953, p. 111, grifos do autor).

O negro reconhece a situação social que lhe é imposta e, frente a ela, mantém o *statu quo*, rejeitando o confronto direto com os seus opressores. Isso ocorre pelo respeito aos brancos (condicionado pelo medo da morte). O negro poderia atirar contra Fred, todavia, pacífico, não opta por isto, não acredita que seja capaz de matar um branco, não se vendo na condição de assassino de um branco, como tantos outros que, provavelmente, em sua vida ele serviu com respeito e deferência, num meio onde se fazia crer que o branco tem mais valor do que o negro. Mesmo que esteja sendo conivente com a violência e a opressão, não há outra alternativa, não lhe é dado o direito de escolha. Só resta a fuga ou a entrega, e ele, numa última e única tentativa de libertação, foge o quanto pode.

Em *La Putain respectueuse*, diferentemente de outras peças do autor, o afrontamento de consciências não resulta de situações excepcionais vencidas de maneira mais ou menos heroicas pelas individualidades tomadas em seu limite, mas por estruturas coletivas nas quais os personagens oprimidos são produtos e vítimas, ou, ainda, "en un mot, l'action se situe pour la première fois dans la sphère du *social*" (JEANSON, 1977, p. 31, grifo do autor).

Jeanson enfatiza que, neste texto dramático, algumas consciências paralisam outras, porque detêm poder material e privilégios que lhes permitem oprimi-las até mesmo em sua existência cotidiana. Sendo assim, os brancos dominadores projetam na mulher prostituta e no negro o Mal (termo utilizado por Jeanson) que os assombra e os persegue. Mesmo quando são os homens brancos que agem de forma má, a culpa ainda recai sobre a falha dos oprimidos, que contaminaria os demais. O negro é o *diable*

porque sua cor encerra tal diagnóstico. Os brancos herdeiros de uma classe escravagista consideram-se uma raça à parte, que pode escolher a quem é ou não aplicado o direito e a justiça.

No mesmo sentido, Albérès menciona que os personagens oprimidos são levados a resolver a situação-limite que lhes é apresentada pelo respeito, admiração e obediência frente a valores que não passam de convenções e mentiras, longe de sua própria consciência e responsabilidade. O autor explicita que existe uma moral coletiva e formal, mantida por aparências que encobrem a hipocrisia e os privilégios dos poderosos. Ou seja, mesmo o negro, incapaz de criar seus próprios valores, resigna-se à sociedade hipócrita, impregnado do sentimento de que a verdade e a justiça permanecem sempre ao lado de pessoas ditas respeitáveis (ALBÉRÈS, 1953, p. 90). Uma resignação consciente, pois ele sabe que sua inocência pouco importa e que os brancos não serão atingidos.

O que conta, neste caso, frente à situação racista que Jean-Paul Sartre escolheu para *La Putain respectueuse*, é a cor da pele. E a peça que, aparentemente, não traz mudanças, faz, por sua vez, uma denúncia clara, direta e que não deixa dúvidas sobre o engajamento de Sartre e sua crença de que qualquer autor deveria “enquanto cidadão que é também uma personalidade, [...] emprestar seu nome a certas causas, tomar partido sobre os principais acontecimentos de sua época [...]” (PONGE, 1990, p. 4).

A força de representação de um personagem negro impotente e solitário em um mundo corrompido pelos opressores brancos abre um primeiro canal de fala para aqueles a quem não era dada nenhuma voz. Sartre não muda o seu destino, não ilude o leitor/espectador com qualquer espécie de final feliz e otimista. O dramaturgo mostra a realidade dos fatos e espera que surja disso um desejo de revolta e modificação da situação de opressão.

## REFERÊNCIAS

- ALBÉRÈS, René-Marill. *Jean-Paul Sartre*. Paris: Éditions universitaires, coll. “Classiques du XXe siècle”, 1953.
- BEAUVOIR, Simone. *La Force des choses I*. Paris: Gallimard, coll. “Folio”, 1992 (ano da 1ª edição: 1963).
- CHALAYE, Sylvie. *Du Noir au Nègre: l’image du Noir au théâtre, de Marguerite de Navarre à Jean Genet (1550-1960)*. Paris: L’Harmattan, 1998.

COHEN-SOLAL, Annie. *Sartre: uma biografia*. Tradução de Milton Persson. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2008.

CONTACT, Michel; RYBALKA, Michel. *Les Écrits de Sartre*. Paris: Gallimard, 1970.

FERNANDES, Fernanda Vieira. *O personagem negro na literatura dramática francesa do século XX: La Putain respectueuse, de Jean-Paul Sartre, e Combat de nègre et de chiens, de Bernard-Marie Koltès*. Tese de Doutorado. Orientação Prof. Dr. Robert Ponge. Porto Alegre: UFRGS, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/102218>>. Acesso em 01 de setembro de 2017.

GOMEZ-MULLER, Alfredo. *Sartre, de la nausée à l'engagement*. Paris: Félin, coll. "Les marches du temps", 2004.

JEANSON, Francis. *Sartre*. Paris, coll. "Écrivains de toujours", Seuil, 1977.

NOUDELMANN, François; PHILIPPE, Gilles (dir.). *Dictionnaire Sartre*. Paris: Éditions Champion, 2004.

PONGE, Robert. Sartre: o escritor e o engajamento. *Zero Hora*. Caderno cultural mensal "ZH Cultura", Porto Alegre, p. 4, 10 de novembro de 1990.

SARTRE, Jean-Paul. *L'existentialisme est un humanisme*. Paris: Gallimard, coll. "Folio", 2012 (ano da publicação da conferência: 1945).

\_\_\_\_\_. *La P... respectueuse* suivi de *Morts sans sépulture*. Paris: Gallimard, coll. "Folio", 2007 (ano da 1ª edição: 1946).

\_\_\_\_\_. *Un Théâtre de situations*. Nouvelle éd. Paris: Gallimard, coll. "Folio/essais", 2005.